

2.1.5 Encontro entre a Fenomenologia e a Psicanálise na perspectiva winnicottiana

Daniela de Moraes Carvalho; Felipe Adam Kurschat

Encontro entre a Fenomenologia e a Psicanálise na perspectiva winnicottiana

D. M. CARVALHO (1); F. A. KURSCHAT (2)

(1) Graduada em Ciências da Computação pela Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes. Fundadora do Studio Ganesha Corpo e Mente. Pós-Graduada em Psicanálise Clínica pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

Contato: daniela.psicoterapia.analitica@gmail.com

(2) Psicanalista e Musicoterapeuta pós-graduado em Prática Docente do Professor Universitário (Faculdade Oswaldo Cruz) e Mestre em Comunicação Contemporânea (Universidade Anhembi Morumbi).

Contato: felipe.musicoterapia@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

CARVALHO, D.M.; KURSCHAT, F.A. **Encontro entre a fenomenologia e a psicanálise na perspectiva winnicottiana.**

URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.12, n.1, p. 94-113, jan/2022

RESUMO

Neste trabalho, busco articular uma relação entre a perspectiva psicanalítica de Donald Woods Winnicott (1896 – 1971) e a filosofia fenomenológica de Martin Heidegger (1889 – 1976), com os conceitos de fenômeno, fenomenologia, ente e com conceitos Winnicottianos de fenômeno transicional e objeto transicional, que são conceitos importantes para as teorias do desenvolvimento sócio psíquico do ser humano e faço também uma aproximação entre a angústia impensável de Winnicott e o cuidado de Heidegger, conceitos que pensam a condição humana e a atribuição de sentido à vida, desta forma contribuindo para o entendimento da clínica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: fenômeno, fenomenologia, psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de elaborar meu TCC baseado nas relações entre fenomenologia e psicanálise nasceu durante minhas aulas sobre Melaine Klein e Winnicott. Realizamos debates sobre estudos de casos com os fundamentos psicanalíticos, e o prof. abria para que a classe trouxesse seus diferentes olhares, além da fronteira psicanalítica, como terapias integrativas e psicologia.

Com a ajuda de meu orientador, Me. Felipe Adam Kurschat, fui provocada a buscar esse olhar filosófico da fenomenologia e suas questões. Aprofundando-me nesse assunto, iniciei uma nova pós-graduação no Instituto Suassuna em Psicologia clínica Humanista, Fenomenológica e Existencial, contemplando meu desejo em sempre buscar a intersecção entre os saberes. Escolhi a perspectiva de Winnicott, pois percebi em muitos pontos de sua clínica aspectos semelhantes (ou que se assemelham) com a teoria fenomenológica no que diz respeito àquilo que aparece, como dizem os pensadores fenomenológicos.

Em meio as minhas pesquisas encontrei o apaixonante Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês que defende uma "reforma radical" do modelo da produção do conhecimento, salientando a necessidade de passar da atual 'hiperespecialização' para uma aprendizagem que "integre as várias áreas do conhecimento". Criador do pensamento Sistêmico Complexo e dos Sete Saberes necessários à Educação do Futuro, destaco uma de suas frases:

“Acredito na tentativa de um pensamento, o menos mutilador possível e o mais racional possível. O que me interessa é respeitar as exigências de investigação e de verificação, próprias ao conhecimento científico, e as exigências de reflexão proposta ao conhecimento filosófico.” (Morin, 2015, p. 99; 100)

Inspirada em Edgar Morin e considerando necessária sua proposta de integrar os saberes, proponho neste artigo buscar a relação entre os saberes da filosofia fenomenológica e da psicanálise Winnicottiana. Sabendo que essa relação é possível e já foi feita de diversas formas, minha proposta é com essa relação de conhecimento ampliar nossas percepções para o desvelamento dos fenômenos humanos e da mente humana.

2. RELAÇÃO ENTRE FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE

Essa relação entre a fenomenologia e a psicanálise vem sendo estudada desde o próprio Heidegger, embora pouco comentada. Foi lançado recentemente (2021), o livro “Seminários de Zollikon” pela editora Via Verita, onde traz uma série de compilações, entre outros, dos escritos de Heidegger, suas anotações pessoais que seriam discutidas com o psiquiatra suíço Medard Boss que convidou-o para suas conferências, uma série de onze encontros que ocorreram entre os anos de 1959 e 1969, realizados na cidade de Zollikon, próximo ao lago de Zurique, em contato com psiquiatras, psicanalistas e psicoterapeutas, nestes escritos encontramos um profundo estudo de Heidegger sobre a psicanálise Freudiana.

Ao longo da história tivemos grandes nomes que fizeram a aproximação teórica e prática entre a Psicanálise e a Fenomenologia, como o psiquiatra e psicanalista Binswanger que foi o primeiro a desenvolver uma aproximação teórica e prática entre Psicanálise, Fenomenologia e Existencialismo, criador da Daseinsanalyse (análise do Ser-aí ou análise da presença). Onde, “o próprio conceito de Daseinsanalyse, utilizado para edificar o significado do seu sistema, já faz a priori uma fusão nominal dos étimos “Dasein” descrito filosoficamente por Heidegger, e “analyse”, utilizado por Freud para

representar conceitualmente a sua metodologia terapêutica.” (Alvinan, 2014, pg.54)

Começo então, aproximando alguns conceitos da fenomenologia e da psicanálise Winnicottiana, iniciando pelo termo fenomenologia, a ciência dos fenômenos. O termo tem dois componentes, Fenômeno e Logos. Fenômeno, é aquilo que se mostra em si mesmo, para Heidegger, deve-se manter, portanto, como significado da expressão “fenômeno”, o que se revela, o que se mostra em si mesmo. Portanto, fenômenos são coisas que se fazem ver, é tudo o que aparece. Não é simplesmente a capacidade visual de ver, mas perceber. Diz respeito a descobrir, revelar, conhecer, tornar consciente. Os filósofos gregos chamavam isso de entes, (todas as coisas).

O ente (as coisas) podem se mostrar de várias maneiras, podem mostrar-se inclusive como ele não é, como por exemplo uma descoberta científica, ela só passa a ser aquilo que ela é a partir da sua descoberta, embora ela sempre esteve lá. Como a realidade de que a Terra é redonda ou que gira ao redor do Sol ou ainda a teoria da relatividade, todos esses entes, sempre foram, porém ao mesmo tempo, só passaram a ser como os conhecemos hoje, a partir da sua “descoberta”. Podemos citar também um exemplo apresentado por Heidegger, um termo muito utilizado, o de “manifestação de uma doença”. Essas manifestações são ocorrências que indicam que algo não está bem no organismo. O aparecimento destas ocorrências, o seu mostrar-se, está ligado a perturbações e distúrbios que em si mesmo não se mostram; isso o que Heidegger nos fala que em algumas ocasiões ele, o fenômeno, se mostra inclusive como ele não é. Por exemplo, uma dor de cabeça é um fenômeno que se mostra como sintoma de algo que não se mostra que pode ser falta de água no organismo, um conflito emocional gerando uma dor física ou qualquer outra perturbação no organismo.

Esse aparecer está muito relacionado à percepção de cada um, o seu direcionamento de consciência. A abertura desse fenômeno é o que já foi visto ou percebido no seu tempo, como limites linguísticos, religiosos, políticos, ideológicos, familiares e etc. Como disse Heidegger “a essência de um fenômeno é a sua aparição. Fenômeno é o que se mostra em si mesmo.” (Heidegger, 2021, p. 67; 68)

Passamos para o conceito de fenômeno transicional de Winnicott. Ele também pode ser entendido como algo que aparece, como algo que surge naturalmente no desenvolvimento dos bebês em qualquer parte do mundo. Se trata do momento em que os bebês por si só elegem seu objeto transicional e estabelece com esse uma relação afetiva especial.

Pode-se perceber que Winnicott nos apresenta, no que ele vem a chamar de fenômenos transicionais, um fenômeno que irá ocorrer com toda criança no curso de seu desenvolvimento normal em algum momento. Geralmente esses fenômenos aparecem por volta dos quatro e seis aos oito e doze meses de idade. Winnicott supõe que o pensamento ou fantasia se conecta com experiências funcionais (chupar o dedo, levar uma fralda ou babadores para a boca e fazer sucção, desfiar cobertores ou paninhos, balbuciar mama), entendendo-as como um fenômeno transicional, e esses fenômenos representam os estágios iniciais do uso da ilusão, que é usado pela criança como uma ferramenta de relação.

Embora esse fenômeno faça parte do processo natural do desenvolvimento da criança, cada qual elege seu objeto de forma diferente, podendo ser uma música, um pedaço de algodão, uma ponta de cobertor, uma pelúcia, etc... Logo existe um olhar diferente, um recorte, uma maneira diferente de se relacionar com cada objeto, seu primeiro objeto “não eu”, pois até então o bebê vê a mãe como uma extensão de si mesmo.

Passamos agora ao conceito de logos, que significa dizer. Heidegger nos fala que “Logos pode também significar o que pode ser dito como algo que se tornou visível em sua relação com outra coisa, em sua “relacionalidade”, por isso Logos assume a significação de relação e proporção”. (Heidegger, 2021, pg. 74)

Assim, Fenomenologia é dizer o que se mostra, tal como se mostra, a partir de si mesmo, e não a partir das interpretações individuais, assim como os fenômenos transicionais, que independentemente de qualquer interpretação, ele se apresenta a partir da relação do bebê com os objetos. Fenomenologia é uma forma de pensar, um outro olhar sobre a realidade, a partir dos movimentos de aparição dos fenômenos, da mobilidade interna dos próprios fenômenos, isso é dizer que a partir da percepção do fenômeno que se modifica a estrutura de percepção da consciência. O mesmo olhar que se reconduz para as coisas, para ver o que elas realmente mostram, é possível reconduzir para a própria consciência, para perceber, como ela se dirige para as coisas, antes das interpretações que são as conclusões que se tira desse processo. Nas palavras de Heidegger, fenomenologia é, “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. Para as coisas elas mesmas!” (Heidegger, 2021, pg. 74).

Podemos dizer então que a Fenomenologia acontece a todo instante no mundo. Se abrir a uma visão fenomenológica é se abrir para uma nova percepção, é quando deixamos de interpretar mediante a nossa visão de mundo e passamos a descrever o que está sendo observado, sem julgamento. Foi o que Winnicott fez, ao descrever os fenômenos transicionais.

Edmund Husserl (1859-1938), que assim como Freud foram alunos de Franz Brentano (1838-1917) nos fala do conceito de Intencionalidade (de Brentano), que nos ajuda a entender a aparição de um fenômeno ou o motivo

de um fenômeno ser visível para algumas pessoas e outras não. Explica neste processo que ao direcionar o olhar sobre o objeto ele se apresenta em perspectiva e a consciência percebe-se direcionando para o objeto, para o recorte do objeto.

Brentano fala que todo objeto intencional é um objeto para a consciência, significa que a consciência olha o objeto em recorte. Esse recorte está diretamente relacionado com a forma como se vê o mundo, crenças e valores, determinados pela cultura, país, educação, família, etc. Ex. Você está passando por um parque e ao passar por uma árvore repleta de frutos, vê um fruto caindo. Não é a consciência que procura o objeto caindo, é simplesmente um acontecimento no mundo que captura a sua consciência para a queda do fruto.

Husserl fala que além do objeto ser intencional (é sempre objeto-para-um-sujeito, objeto em relação à consciência), a consciência também é intencional (toda consciência é consciência de alguma coisa, sempre quando dirigida a algum objeto). “A propriedade fundamental dos modos de consciência, que o eu vive como eu, é a chamada intencionalidade, é sempre ter consciência de alguma coisa.” (Husserl, Conferência de Paris, pg. 12). Um exemplo desta intencionalidade e direcionamento da consciência para um objeto é a chegada das caravelas a América do Norte, dizem que os índios “não viam” as caravelas e depois de algum tempo começaram a perceber “nuvens estranhas”, pois era algo fora de seu conhecimento consciente e por isso não “viam”.

É preciso de um certo posicionamento de consciência para se abrir um certo campo de aparição. Podemos explicar isso mais facilmente nas áreas científicas e de tecnologia, como por exemplo na teoria da relatividade de Einstein, foi preciso que outras descobertas fossem feitas antes, para que

fosse possível a descoberta deste fenômeno. Esse posicionamento é subjetivo, para que o campo de percepção se abra, precisa que sua consciência se direcione ao objeto, ou seja, precisa de um certo conhecimento anterior, é necessário que se tenha as condições adequadas para perceber o fenômeno, essas condições estão relacionadas a culturas, crenças, valores, a vivência individual ao tempo. Como por exemplo, o olhar de Winnicott para o fenômeno do objeto transicional, esse fenômeno sempre existiu, e ele não foi o primeiro a identificar sua existência, mas foi o primeiro a perceber sua implicação no desenvolvimento humano, a partir da observação deste psicanalista que também era pediatra, com um olhar clínico e de estudos anteriores de teorias anteriores, que foi possível para Winnicott determinar sua própria teoria.

A relação intencional significa que a consciência e o mundo se fundem, elas nascem simultaneamente. Nós nos fazemos à medida que vamos sendo, à medida que nos relacionamos com o mundo, essa intencionalidade acontece antes da própria razão, onde para depois da participação da razão a respeito de um fenômeno vai existir uma capacidade de perceber novos acontecimentos de outra maneira, portanto, uma forma diferente de perceber a realidade. Husserl nos fala:

"Com efeito, experimento, isso sim, os outros realmente e experimento-os não ao lado da natureza, mas num entrosamento com a natureza. Essa relação intencional, participa da razão, mas também de nossos processos inconscientes, da forma como nossas experiências, nossa história individual se deu. No entanto, é de um modo particular que nela experimento os outros, experimentos como não só surgindo no espaço enredados psicologicamente no contexto da natureza, mas sinto-os como experimentando também este mesmo mundo que eu experimento, como sentindo-me igualmente a mim, tal como eu os sinto, etc." (Husserl, Conferência de Paris, pg 34)

Para Husserl a consciência é um movimento em direção às coisas, em fluxo, porque o mesmo olhar que se tem hoje para uma determinada situação, amanhã posso ter um novo olhar devido a novos conhecimentos adquiridos, novas formas de estabelecer relação com o mundo, uma forma de perceber o mundo, que é diferente de estar no mundo.

É da natureza do fenômeno ser multifacetado e é da natureza da nossa consciência, direcionar o nosso olhar, para uma dessas facetas do mundo, diferentes perspectivas, que vamos adquirindo de acordo aos acontecimentos da vida de cada indivíduo. É através destas diferentes formas de olhar que dirigimos para as coisas, para o mundo, que nos tornamos pessoas únicas, vamos nos fazendo a cada encontro, diferentes formas de olhar para o mesmo objeto, para o mesmo fenômeno.

Logo a individuação se dá pela maneira como o mundo se apresenta para nós e da forma como dirigimos nossa consciência para o mundo. Pelo modo dos nossos encontros com os objetos transicionais, como nos relacionamos primeiramente com os objetos transicionais e pelo próprio modo que eles são, ou seja, se teve ou não o objeto transicional, se este objeto foi retirado ou nem percebido pelos pais ou cuidadores, se este objeto era macio ou áspero ao toque, qualquer detalhe determinam a maneira como este objeto será percebido e de diferentes maneiras e únicas será subjetivado ao sujeito.

3. FENÔMENO TRANSICIONAL, OBJETO TRANSICIONAL E ENTE

Apresento os termos propostos por Winnicott, de objetos transicionais e fenômenos transicionais, onde ele descreve como o início do manuseio de objetos verdadeiramente 'não-eu', a primeira possessão, a área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. Encontramos uma similaridade neste conceito Winnicottiano e no conceito apresentado por

Binswanger, onde ele também nos fala deste olhar, entre a realidade interna e externa do Ser-no-mundo. No livro “Sonhos e Existência: Natureza Humana”, Binswanger ao se referir a um texto grego, os “Persas” se observava como ele descreve existir uma fusão das fronteiras, para os gregos, entre o espaço interior da experiência vivida, o espaço exterior do acontecimento e o espaço do culto religioso. Pois, para eles, o sujeito da imagem onírica, o sujeito do acontecimento cósmico e o sujeito da expressão ritual são um único. “E quem poderá decidir se a verdade deve ser buscada na interioridade da subjetividade ou na exterioridade da objetividade? Tudo o que é “interior” é, aqui, “exterior”, assim como tudo o que é exterior e interior” (Binswanger, L, 2002, pg. 436).

Objetos transicionais também são um mecanismo de defesa, tudo aquilo que o bebê irá utilizar como uma defesa para sua angústia, uma urna de proteção. A angústia é o que faz com que o ser humano crie para si, um objeto transicional. Vemos que para a fenomenologia a angústia é uma produtora de sentido, assim como o objeto transicional é algo que dá sentido e que a partir deste sentido dado pela relação com este ente (objeto transicional), se produz a si mesmo. Entende-se estes entes que, embora sejam coisas externas ao indivíduo, começam a fazer parte da realidade interna subjetiva dos indivíduos, ou seja, são introjetados e tornam-se funções que mudam as formas de se ser e, conseqüentemente de perceber a realidade externa e a si mesmo. A respeito disso Winnicott nos fala:

“Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta” (Diga: "bigado" '). (WINNICOTT, 2020, p. 2).

Winnicott define o pensar e o fantasiar como vinculados, vê a ilusão como uma ferramenta da relação, onde o objeto é um objeto ponte, de uma etapa a outra do desenvolvimento, algo que surge naturalmente, que a criança usa de maneira subjetiva. Ele transfere elementos desta subjetividade para o objeto. A maneira como ele transfere revela a forma como ele se relaciona com o mundo, revela a maneira como ele é, a forma como ela se relaciona é a maneira como ela está sendo no mundo.

Conforme descreve, “os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na ideia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser.” (WINNICOTT, 2020, p. 26).

Winnicott define os objetos transicionais, como possessão original não-eu. “Mas o seu significado é profundo e extremamente simbólico, e tão importante quanto o símbolo é a realidade.” (Winnicott, 2020). Isso quer dizer que o simbólico é o mesmo que a realidade subjetiva, ou seja, nossa natureza humana, que como já explicado acima, com o conceito que Husserl, percebe o mundo, enquanto fenômeno, por recortes, a maneira como uma pessoa internaliza a experiência vivida é diferente da maneira como a outra pessoa irá internalizar a mesma experiência.

O fato de objeto transicional não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe). O objeto em si não é transicional, ele representa a transição do bebê, primeiro com o seio, depois com a mãe, até chegar em um estado de relação com a mãe como um ser externo e separado. Como diz Winnicott:

“Talvez uma bola de lã, a ponta de um cobertor ou edredom, uma palavra ou uma melodia, ou um maneirismo — que, para o bebê, se torna vitalmente importante para seu uso no momento de ir dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade (...).

Talvez um objeto macio, ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê, tornando-se então aquilo que estou chamando de objeto transicional.” (WINNICOTT, 2020, p. 5-6).

Fica claro dizer que Winnicott busca destacar que não se trata especificamente do primeiro objeto das relações e sim da primeira possessão e que na área intermediária entre o subjetivo e o que está objetivamente percebido, e; esses fenômenos virão a definir a forma como o adulto se relaciona com o mundo, como manifesta sua religiosidade e sua criatividade.

Vemos aqui novamente uma forte relação com os conceitos fenomenológicos de intencionalidade, que se dão a partir das relações com os entes, conforme nos relacionamos, e desta maneira mesmo irmãos gêmeos poderão eleger diferentes objetos transicionais e, de acordo com a experiência diferente que cada um tem através destes objetos transicionais ou entes, gerar uma perspectiva diferente de mundo pra si. Como coloca Winnicott que:

“estou, portanto, estudando a substância da ilusão, aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião, mas que se torna marca distintiva de loucura quando um adulto exige demais da credulidade dos outros, forçando-os a compartilharem de uma ilusão que não é própria deles. Podemos compartilhar do respeito pela experiência ilusória, e, se quisermos, reunir e formar um grupo com base na similaridade de nossas experiências ilusórias. Essa é uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos.” (WINNICOTT, 2020, p. 13-14).

Importante observar que, segundo Winnicott (), quando ocorre uma saudável passagem pelos objetos transicionais, esse padrão estabelecido na tenra infância trará aconchego, conforto e segurança nas fases seguintes. A maneira como o adulto vai lidar com as mudanças inerentes da vida, as frustrações está diretamente ligada a esta etapa. Conforme o próprio autor confirma:

“Os padrões estabelecidos na tenra infância podem persistir na infância propriamente dita, de modo que o objeto macio original continua a ser absolutamente necessário na hora de dormir, em momentos de solidão, ou quando um humor depressivo ameaça manifestar-se. Na saúde, contudo, dá-se uma ampliação gradual do âmbito de interesses e, por fim, esse âmbito ampliado é mantido, mesmo quando a ansiedade depressiva se aproxima. A necessidade de um objeto específico ou de um padrão de comportamento que começou em data muito primitiva pode reaparecer numa idade posterior, quando a privação ameaça. (WINNICOTT, 2020, p. 15).

Com o objeto transicional o bebê e a criança vão experimentar algumas qualidades especiais nesta relação. Winnicott nos apresenta sete importantes tópicos desta relação que serão responsáveis pelo brincar, pela criatividade, a religiosidade, arte, verdades e mentiras, furtos, vícios, a origem e a perda dos afetos, enfim, pela forma como se relaciona consigo mesmo e com o outro.

O desenvolvimento humano se faz através do objeto transicional, assim como a forma como se relaciona com os entes, ou seja, com todas as coisas no mundo. Estamos no mundo, atravessados por um campo relacional e significativo.

Igualmente importante será a maneira como este objeto transicional deverá ser esquecido gradativamente, deixado de lado naturalmente, perdendo o significado, sem que haja um rompimento bruto. O Objeto transicional é um objeto de incorporação, ele vai se incorporando ao mesmo tempo que ao longo da vida vai se dissolvendo.

“Não é esquecido e não é pranteado. Perde o significado, e isso se deve ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário entre a 'realidade psíquica interna' e 'o mundo externo, tal como percebido por duas pessoas em comum', isto é, por todo o campo cultural.” (WINNICOTT, 2020, p. 16-17).

4. ANGÚSTIA IMPENSÁVEL E CUIDADO

Um dos conceitos que se aproxima entre a fenomenologia e a clínica Winnicottiana é o conceito de angústia impensável de Winnicott e cuidado de Heidegger.

Para Winnicott, o conceito de angústia impensável nos mostra que somos seres que precisam de cuidado desde o momento do nascimento, não sobrevivemos sem o cuidado, e sua forma de cuidado afeta diretamente na formação da personalidade no “continuar a ser”. Winnicott nos diz que, pense nisso como um ser imaturo que está constantemente à beira de uma angústia inconcebível.

O que mantém essa angústia inconcebível sob controle é o papel vital da mãe nesta fase: sua habilidade de se colocar no lugar do bebê e se dar conta do que precisa na gestão geral do corpo e, portanto, da pessoa. Amor nesse estágio só pode ser demonstrado por meio do cuidado com o corpo.

Pode-se dizer que a proteção de si mesmo suficientemente boa proporcionada pela mãe (com respeito a angústia impensável) permite que a nova pessoa humana construa uma personalidade com base no padrão de uma continuidade de “continuar a ser”.

A mãe suficientemente boa para Winnicott é aquela que possui pequenas falhas, que podem gerar pequenas angústias no bebê, mas que imediatamente estará lá para amparar. A mãe suficientemente boa não é aquela superprotetora, mas aquela que acolhe, que está em rapport com o seu bebê, percebendo e suprimindo suas necessidades. Winnicott nos fala,

entretanto, que quando ocorre por parte da mãe ou cuidador o excesso de falhas podem levar a uma patologia.

“todas as falhas (que poderiam produzir a angústia impensável) geram uma reação no bebê, e esta reação interrompe o “continuar a ser”. Se a reação que interrompe o “continuar a ser” se repete persistentemente, ela inicia um padrão de fragmentação do ser. O bebê com um padrão de fragmentação da linha de continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que se inclina para a psicopatologia quase desde o início. Portanto, na etiologia da inquietação, a hipercinesia, a desatenção (mais tarde chamada de incapacidade de concentração) pode ser um fator muito precoce, datando dos primeiros dias ou horas de vida.”(Winnicott, 1962, p. 996; 998)

O conceito de cuidado na fenomenologia existencial de Heidegger passa pelo entendimento do que ele nos apresenta como Dasein (Ser-aí), na sua tradução do Alemão significa existência. Heidegger vai dizer que o único que existe é o Dasein. “É na presença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, etc”. (Heidegger, 2021, pg. 561).

Entende-se que os humanos existem e os outros entes simplesmente são, pois é no existir que nos tornamos, enquanto os outros entes já são desde sempre concebidos, simplesmente dados, como por exemplo, um barco que é simplesmente dado, desde sua concepção, criado para ser um barco. Existir é se relacionar, é estar em relação a alguém ou a alguma coisa. Para Heidegger o dasein ou presença, se dá necessariamente em relação, dois planos em que se desenvolve o exercício da presença, através da ocupação e da preocupação ou deste conceito de cuidado.

Na ocupação o que está em jogo é o relacionamento com os entes simplesmente dados (todas as coisas que já são desde sempre concebidas). De acordo com Heidegger, “na presença ou dasein está em jogo o seu poder-ser-no-mundo” (Heidegger, 2021, pg. 299).

Assim como na psicanálise a fenomenologia entende a angústia como uma das condições humanas que constitui o ser-no-mundo, é o motor da existência, que precisa da relação para se fazer. A angústia na visão da fenomenologia assim como na psicanálise nos dirige a nós mesmos, a nossa condição de indeterminação existencial. Entender a angústia é entender que ela é atribuidora de sentido, é entender que a vida não tem sentido, mas a angústia atribui uma direção a cada ser humano, a angústia nos obriga a dar ou procurar um sentido para a vida.

A angústia se dá pela abertura de possibilidades, não somos pré-determinados, ou seja, não temos um sentido prévio pré-estabelecido, ou sentido verdadeiro no qual estamos orientados a seguir. O sentido se dá na urgência da angústia, na urgência que ela nos impõe de atribuir sentido

Para Heidegger no cuidado está em jogo o “poder ser no mundo” e para Winnicott na angústia impensável está em jogo “o continuar a ser”, ambos concordam que enquanto seres indeterminados lançados no mundo precisamos de cuidado, desde o primeiro instante de nossas vidas, é no cuidado, na relação com os outros que nós nos fazemos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procurei demonstrar neste artigo é um possível diálogo entre as teorias e práticas nos saberes da psicanálise Winnicottiana e a filosofia fenomenológica. Esses saberes nos ensinam que estamos no mundo, atravessados por um campo relacional e significativo onde o desenvolvimento humano se faz através do objeto transicional, assim como a forma como se relaciona com os entes, ou seja, com todas as coisas no mundo. Vimos no cuidado e angústia impensável, que somos seres relacionais e precisamos do outro para nos fazer e, nos fazemos a partir dos encontros, na forma como esses encontros se dão, influenciam e determinam o ser-no-mundo.

Ao viver estamos sendo, estamos em processo constante de devir, é preciso se abrir a novos conhecimentos, novas fronteiras para uma nova percepção de mundo, um novo olhar. Podemos observar que Winnicott foi atravessado por esse olhar fenomenológico, embora não atribuísse essa filosofia fenomenológica a sua própria perspectiva psicanalítica, mas se debruçarmos nos dois ramos de saberes e tentarmos compreender essas perspectivas vindas de lugares de conhecimentos tão distintos, mas que apresentam confluências de pensamentos, podemos ter uma nova percepção sobre as vivências humanas, colaborar com os possíveis desvelamentos dos fenômenos da mente e para a prática clínica.

REFERÊNCIAS

BINSWANGER, Ludwig. **Sonho e existência**, *Natureza Humana*, 4(2): 417-449, jul.-dez. 2002

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**, Editora Autêntica, 2016

HEIDEGGER, MARTIN. **Ser e tempo**. Editora vozes, 2021

HUSSERL, Edmund, **Conferência de Paris**, www.lusofia.net

MAGNO, Alvinan. **Psicanálise, Fenomenologia e Existencialismo**. Editora Kelps, 2014

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**, Cortez Editora, 2005

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**, Editora Sulina, 2015

WINNICOTT, Donald Woods. **Obra Completa**, 1962

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020